



Humor e religião na pandemia: efeitos de sentidos do riso em circulação no WhatsApp

Humor and religion in the pandemic: the effects of the senses of laughter in circulation on WhatsApp

Humor y religión en la pandemia: efectos de los sentidos de la risa en circulación en WhatsApp

Herivelton Regiani – Universidade Federal de Santa Maria | Santa Maria | RS | Brasil | E-mail: heriveltonreg@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-3221-7736>

Viviane Borelli – Universidade de Santa Maria | Santa Maria | RS | Brasil | E-mail: viviane.borelli@ufsm.br | <https://orcid.org/0000-0003-0643-2173>

Resumo: A partir da circulação de informações sobre a pandemia de Covid-19 em grupos de WhatsApp, analisa-se materialidades discursivas construídas com humor e que evocam elementos religiosos. São identificados efeitos de sentidos, como chamada de atenção, alívio de tensões, estabelecimento de identificações e afetos, além de reforço de crenças ou sinalização de atitudes indesejáveis. O estudo colabora na compreensão dos modos como sujeitos e grupos lidam com as crises, limitações e adversidades.

Palavras-chave: Humor. Religião. Pandemia.

Abstract: Based on the circulation of information about the Covid-19 pandemic in WhatsApp groups, discursive materialities constructed with humor that evoke religious elements, are analyzed. Effects of meanings are identified, the call for attention, the relief tension, the establish of identifications and affections, in addition to reinforcing beliefs or signaling undesirable attitudes. The study aims to help to understanding the ways in which subjects and groups deal with crises, limitations and adversities.

Keywords: Humor. Religion. Pandemic.

Resumen: A partir de la circulación de información sobre la pandemia Covid-19 en grupos de WhatsApp, se analizan materialidades discursivas construidas con humor y que evocan elementos religiosos. Se identifican efectos de sentido, como llamar la atención, aliviar tensiones, establecer identificaciones y afectos, además de reforzar creencias o señalar actitudes indeseables. El estudio ayuda a comprender las formas en que los sujetos y los grupos enfrentan a las crisis, las limitaciones y las adversidades.

Palabras clave: Humor. Religión. Pandemia.

Recebido em 30 de outubro de 2021. Aprovado em 07 de dezembro de 2021.

e-issn: 2177-5788. DOI: <https://doi.org/10.22484/2177-5788.2021v47n2p273-298>

©2021. Conteúdo de acesso aberto, distribuído sob os termos da Licença Internaonal da CreativeCommons – CC BY-NC-SA – Atribuição Não Comercial – Permite distribuição e reprodução, desde que atribuam os devidos créditos à publicação, ao(s) autor(es) e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.



1 Introdução

O artigo decorre de observação da circulação de discursos sobre a pandemia do Novo Coronavírus¹ pelo WhatsApp, dando destaque especificamente a postagens carregadas de sentidos que atravessam a religião e o humor. A reflexão integra uma pesquisa maior intitulada “Circulação de discursos sobre a pandemia do coronavírus na plataforma WhatsApp”, realizada no âmbito do grupo de pesquisa Circulação Midiática e Estratégias Comunicacionais (Cimid), da Universidade Federal de Santa Maria. A investigação resulta de proposta de parceria de investigação binacional (Argentina-Brasil), firmada ao longo de 2020², que tem como objetivo comparar a circulação de discursos sobre a Covid-19 nos contextos brasileiro e argentino³.


Os investigadores⁴ realizaram, durante o ano de 2020, monitoramento de discursos sobre a Covid-19 em grupos de WhatsApp e ainda recolheram materiais que chegaram por meio de mensagens diretas. Até o mês de julho de 2020, haviam sido extraídas mais de mil unidades discursivas, organizadas no Google Drive por meio de um

¹ Para deixar o texto mais fluído, serão utilizadas as expressões: pandemia, Covid-19, a pandemia de coronavírus ou Novo Coronavírus, todas aceitáveis na língua portuguesa, evitando repetições.

² A pesquisa é coordenada na Argentina pelas professoras Natalia Raimondo Anselmino (UNR) e Ximena Tobi (UBA) e no Brasil pelos professores da UFSM Viviane Borelli, Aline Roes Dalmolin e Maicon Elias Kroth.

³ Uma primeira versão do artigo, ora intitulado “O humor na pandemia: efeitos de sentidos do riso na circulação de discursos religiosos” foi apresentada no GP Comunicação e Religião, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação que aconteceu de forma virtual de 1º a 10/12/2020. Após discussão com os colegas de GP, o artigo foi atualizado e agora submetido para a revista.

⁴ Além dos professores Viviane Borelli, Aline Roes Dalmolin e Maicon Elias Kroth, dos alunos de Pós-Graduação Diosana Frigo, Luan Moraes Romero e Herivelton Regiani, participaram ainda da coleta as alunas de iniciação científica Jéssica Missias Medeiros, Martina Pozzebon e Katiana Campeol, orientadas pela professora Viviane Borelli.




formulário criado no Google Forms especificamente para a pesquisa: com informações da data da coleta, como o material chegou (privado ou em grupo) e tipo de material: memes, gifs, figurinhas, vídeos, áudios, charges, texto (link de notícias, texto corrido colado no corpo da mensagem, PDF, com ou sem fonte, se foi encaminhado - com ou sem adição de enunciado), cartazes de divulgação de evento e prints de notícias.

Num primeiro momento, foram extraídos dados de 17 grupos de WhatsApp, além das mensagens que chegam individualmente aos participantes da investigação⁵. Pela especificidade de funcionamento da plataforma - estar vinculado a um número de telefone individual e ser utilizado para comunicação pessoal e interpessoal -, a obtenção de dados se torna um desafio. Dessa maneira, conforme Becker (1993), o acesso se deu por meio de uma espécie de bola de neve, em que partimos da relação pessoal de quem estava disposto a colaborar com a investigação, a sugerir alguns contatos e também a fazer parte da pesquisa. A intenção não é ter uma amostra representativa do que circulou pela plataforma digital, mas sim algumas pistas que nos indiquem tanto tipologias quanto sentidos produzidos por distintos temas durante a pandemia. Os discursos foram coletados dos mais diversos grupos constituídos, seja por relações de amizade, de parentesco, de trabalho, de estudo, de entretenimento, de crença ou de interesses comuns em algum tema, por exemplo⁶.

⁵ Em outra reflexão, Borelli, Dalmolin e Kroth (2021, no prelo), refletem sobre as interações em alguns desses grupos, que foram tomados como uma subamostra constituída por grupos formados por laços familiares.

⁶ Becker (1993) faz uma discussão aprofundada sobre a técnica de amostragem em bola de neve, estratégias utilizadas e desafios para acesso aos grupos, observação e entrevistas no caso de não termos acesso aos dados que gostaríamos de investigar e de não podermos revelar a identidade das pessoas. Mesmo que o autor pesquise situações e grupos que nomeia de “desviantes” e que tenham cometido crimes, delitos, é necessário fazermos uma reflexão sobre os procedimentos metodológicos e éticos ao pesquisarmos mensagens trocadas por meio de relações interpessoais. Desse modo, a equipe está sistematizando ideias sobre as escolhas metodológicas e serão publicizadas em momento posterior. Sobre a técnica de amostragem bola de neve nos estudos realizados por Paul Lazarsfeld e equipe e a sua polêmica utilização na definição do modelo do fluxo de comunicação em dois




Nesse momento, o olhar volta-se especificamente para matérias significantes que envolvem a pandemia e suas relações com a religião e o humor. O objetivo é descrever e analisar distintos formatos (sejam charges, gifs, memes, áudios, vídeos, prints de postagens em outras plataformas midiáticas, como Instagram, Twitter, Facebook, sites noticiosos, entre outros) que evoquem relações complexas entre diferentes temas que envolvem a pandemia. Sabe-se dos limites da investigação diante da amostra constituída – tanto da pesquisa como um todo (já que cada integrante da pesquisa participa de inúmeros grupos no WhatsApp, mas elegeu apenas alguns para observação) quanto dos fragmentos aqui eleitos para serem analisados a título de exemplos (em menos de 6 meses de coleta, já havia sido coletadas mais de mil unidades discursivas e para essa análise elegemos 15). O grande número de dados foi justamente um dos empecilhos metodológicos encontrados ao longo do ano de 2021, quando se passou a apenas extrair fragmentos indiciais de informações sobre a pandemia e não mais fazer coleta de todos os dados. A regulação do próprio WhatsApp é outro fator de instabilidade que acaba dificultando o acesso aos dados que ali circulam⁷.

Diante de tamanhos desafios de estudar uma plataforma de comunicação interpessoal, mas que também permite o envio de mensagens de forma massiva, os investigadores se propõem a dialogar com os autores que seguem investigando a problemática da circulação no contexto do processo de midiatização pela perspectiva Veroniana, como Fausto Neto (2018) e Carlón (2021). Este último nomeia o WhatsApp e outros aplicativos de trocas de mensagens diretas como

níveis (two-step flow), ver GITLIN, Todd. Sociologia dos meios de comunicação social: o paradigma dominante. *In*: ESTEVES, João Pissara. **Comunicação e sociedade**. Lisboa: Livros Horizonte, 2009. p. 107-151.

⁷ Sobre tais problemáticas, pode-se ver a conferência proferida pela autora e intitulada “Conversações em torno da pandemia: vínculos, divergências, tensionamentos” – Mesa de encerramento do Pentálogo XI do Ciseco 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GgxbTXjJzHM&t=1s>, no canal do Ciseco no Youtube, 2021.




um terceiro sistema, o underground, que deve começar a ser levado em consideração quando estudamos circulação juntamente com os demais sistemas analisados pelo autor, como meios massivos e mídias sociais.

Assim, essa reflexão integra as preocupações da pesquisa “A circulação discursiva no contexto de midiatização da sociedade”, sob coordenação da autora, e da construção da tese do autor “Riso sagrado: a comicidade como estratégia discursiva na midiatização da religião”, em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM.

Verón (2004) observa que o processo de midiatização da sociedade complexifica cada vez mais as relações entre produção e reconhecimento, sendo necessário compreender essas articulações. Dessa forma, estudos realizados no âmbito do grupo de pesquisa têm buscado problematizar a heterogeneidade discursiva constituinte dos processos de comunicação, em que lógicas distintas operam em produção e em reconhecimento.

O conceito de circulação passa a ser chave para compreender essas conexões, pontos de contato, de convergências e divergências. Como conceitua Fausto Neto (2018, p. 30), a circulação não é mais compreendida como um entre, um ponto de passagem, pois passa a ser um lugar de indeterminação, uma “zona de contato”. É a partir dessa noção de contato - como um locus de incertezas - que são compreendidas, aqui, as complexas e dinâmicas trocas empreendidas por meio do WhatsApp, motivadas pelas mais variadas intencionalidades. Também parte-se da ideia de circulação com fluxo adiante, conceito proposto por Braga (2017) para remeter à dinâmica e aos fluxos contínuos que ocorrem nos mais distintos processos de comunicação empreendidos pelos sujeitos participantes.

A reflexão se soma aos estudos sobre o fenômeno da circulação como “trocas discursivas (não como transporte ou cifras numéricas) que são intensificadas diante da emergência de diferentes plataformas




mediáticas” (FERNANDEZ, 2018, p. 15). Para o pesquisador, atualmente todos os espaços das nossas vidas acabam sendo suscetíveis de serem geridos por meio de plataformas midiáticas, onde tanto sobrevivem quanto se transformam e se adaptam diversos fenômenos próprios dos meios massivos e das situações comunicacionais face a face nas trocas entre os indivíduos.

Sbardelotto e Borelli (2021, p. 640) problematizam distintos sentidos em circulação acerca da construção simbólica da pandemia em ambientes midiático-religiosos. Para tal, mencionam três aspectos: sentidos produzidos pela sociedade para compreender o contexto pandêmico por meio de distintas religiosidades para orientar-se; como as práticas religiosas tiveram de adaptar-se diante do fechamento dos espaços religiosos e da proibição de realização de ritos nos templos; emergência de novas formas de autoridade religiosa em que “leigos-amadores”, que deslocam o eixo simbólico de interpretação religiosa sobre o mundo e a realidade”. Para eles, o contexto vivido diante da pandemia, mostra que tanto o fenômeno da midiatização da sociedade, segundo Verón (2004), quanto da emergência da circulação, desafiam os pesquisadores a refletirem sobre essas complexidades.

A circulação desses textos em grupos de WhatsApp evidencia uma heterogeneidade discursiva muito rica, em que os temas relativos à pandemia ultrapassam seu sentido epidemiológico e carregam distintos elementos simbólicos que dizem respeito à comunicação e à religião. Um primeiro olhar sobre os materiais coletados que continham elementos religiosos postos em relação com a pandemia aponta para interrelações por outros vieses – como do papel mais institucional das igrejas, da relação entre religião e política, da auto ajuda, do cuidado de si e do outro, do testemunho, da fé, da caridade, da solidariedade, entre outros aspectos que em momento oportuno poderão ser analisados.

Compreende-se os formatos como textos, conceituado por Verón (2004, p. 71) como “objetos concretos que tiramos do fluxo da



circulação de sentido e que tomamos como ponto de partida para produzir o conceito de discurso”. Para Verón (2004, p. 72), o semiólogo, o texto é heterogêneo, se presta a múltiplas leituras e sua pluralidade está ligada “à natureza necessariamente fragmentada, múltipla, sobredeterminada da produção de sentido dentro de uma sociedade complexa”.

Nesse contexto, o artigo intenta refletir sobre distintas religiosidades que se manifestam em processualidades complexas e que tomam forma por meio de práticas discursivas produzidas por distintos sujeitos que interagem por meio do WhatsApp. Como dito, para essa reflexão, foram eleitos alguns fragmentos discursivos construídos com elementos de humor e que evocam distintas simbólicas do mundo religioso. Tais matérias significantes são tomadas aqui a título de exemplo para serem analisadas e problematizadas no contexto da problemática da circulação e do processo de midiatização da sociedade.

2 Humor e religião em circulação na pandemia

Vivemos em uma época marcada por antagonismos e tensões: direita e esquerda, conservadores e progressistas, religiosidades e laicidades, público e privado, entre outras polarizações. Nas plataformas de redes sociais, estas tensões parecem adquirir contornos ainda mais extremos, acompanhando a binariedade dos códigos, a comodidade das bolhas e a lógica nada transparente dos algoritmos. Acrescente-se ainda, com a pandemia do novo coronavírus em 2020, outros contornos e maior alcance à uma tensão em especial, que acompanha o ser humano desde muito tempo, aquela entre a vida e a morte.

Em nossa pesquisa, notamos uma quantidade considerável de produções que vinham carregadas de elementos religiosos, ou ao menos com eles dialogavam. Era de se esperar, pois, no contexto da sociedade em midiatização e da midiatização da religião, também o



discurso religioso perpassa muitas das interações e a circulação ligada a diferentes temáticas nas plataformas midiáticas. Ocorre o que Fausto Neto (2002, p. 152) denomina como “construção e publicização das novas formas de religiosidades”.

Isso implica não somente na transposição dos conteúdos e ritos para um outro meio, mas em adaptações na linguagem e nos discursos produzidos para que gerem determinados efeitos de sentidos por meio de distintos dispositivos midiáticos, conforme Borelli (2010).

Trata-se de processualidades e práticas que estão presentes em diferentes religiões, à medida em que vão se midiaticizando. Como aponta Hoover (2006), no século XXI fica cada vez mais evidente no contexto global a conexão entre religião e mídia e vivemos em um mundo em que “mídia e religião se misturam e colidem na experiência cultural das audiências⁸” (p. 13, tradução nossa). No material levantado em nossa pesquisa, porém, as postagens relacionadas à religiosidade apareceram especialmente vinculadas à matriz ocidental judaico-cristã.

Em meio aos discursos sobre cada uma dessas dicotomias, atuando em favor de diferentes estratégias, não é incomum notar a presença do humor cômico como recurso discursivo. Particularmente, na tensão entre vida e morte, permeada por questões religiosas e políticas, o riso torna-se fonte de alívio, arma para atacar ou artifício para desarmar.

Ao escrever a respeito do riso nos mitos gregos, o historiador Minois (2003, p. 29) afirma:

O riso e a morte fazem boa mistura. É suficiente olhar um crânio para se convencer: nada pode roubar-lhe o eterno sorriso [...] mesmo para os mais sérios, a vida é apenas um caso derrisório, que só merece gargalhada na saída.

⁸ “[...] media and religion intermingle and collide in the cultural experience of media audiences”.

Trata-se de algo que se pode notar mesmo no Antigo Testamento, compartilhado por judeus e cristãos, o autor do livro de Eclesiastes, identificado na tradição como o sábio rei Salomão, zomba com acidez pessimista da existência humana e de suas pretensões, afirmando que, nesta vida finita “tudo é vaidade, é como correr atrás do vento” (ECLESIASTES 1.14).

Na contemporaneidade em que nos movemos, em meio ao medo de contaminação por um vírus que desafia a capacidade de controle das autoridades sanitárias e exige esforço conjunto de pesquisadores de diferentes áreas da ciência, enunciam-se incertezas, surgem questionamentos quanto à efetividade das ciências e das políticas públicas e cria-se o cenário propício para uma espécie de “riso nervoso”. A comicidade serve, nesse caso, simultaneamente como chamado de atenção para as tensões e como forma de alívio.

Como se pode notar na Figura 1, retirada de um dos grupos de Whatsapp que fez parte da coleta de dados, rir dos próprios medos tem sido um bom remédio, ainda que paliativo.

Figura 1 - Recebida em 29 de junho de 2020



Fonte: Grupos de Whatsapp⁹.

⁹ Em função do sigilo a respeito dos grupos observados durante a pesquisa maior, da qual destacamos as imagens para este trabalho, não indicamos a fonte direta das mesmas, mas somente a data em que foram recebidas.



Neste caso, trata-se de um print de publicação no Facebook, sobre o qual o enunciador desenha uma seta vermelha para destacar um dos comentários. Trata-se de um formato bastante comum nos compartilhamentos em grupos, e que evidencia também a atividade multiplataforma que é própria da circulação. Produções veiculadas em uma plataforma midiática são recortadas e adaptadas para funcionarem em outros espaços, às vezes ressaltando certos aspectos ou interações que vão propiciar os efeitos de sentidos que levam ao riso.

Castro (2000) ressalta a atuação do humor no alívio de tensões. Aponta que, no humor, além do jogo intelectual, que envolve inversões e repetições, ocorre uma dinâmica emocional que ocasiona um sentimento de liberação e, ao mesmo tempo, de cumplicidade com o outro. Segundo a autora, o que se pode investigar, nas diferentes manifestações desse jogo de humor é “que tipo de valores e de verdades, no meio social, que o humor vai sugerir, a que lugar ele pretende chegar” (p. 3).

Sendo assim, a que lugares pretendem chegar os discursos permeados pelo humor que observamos em meio à pandemia. Apenas a um relaxamento das tensões? Um senso maior de proximidade e pertencimento? Como efeito da atividade cômica, é possível rir do outro, rir de si mesmo ou rir com os outros - algumas vezes, simultaneamente. Nessa dinâmica, se estabelecem afetividades e sociabilidades, que podem reforçar desejos, aspirações, expectativas, aversões, ou até exorcizar os medos. Tome-se como exemplo o que ocorre no caso (Figura 2).

Figura 2 - Recebida em 27 de julho de 2020



Fonte: Grupos de Whatsapp.

A fotomontagem utiliza uma cena do filme "O exorcista" (1973), substituindo o padre que é protagonista pela foto do presidente brasileiro Jair Messias Bolsonaro. O exorcista em questão segura, ao invés da cruz, uma embalagem de hidroxiclороquina. Há, nesse caso, uma combinação da imagem do presidente como representante das parcelas religiosas conservadoras e, ao mesmo tempo, uma menção à sua postura auto-enunciada como herói da pátria e combatente contra as forças anticristãs, agregando-se ainda sua insistente propaganda do medicamento como solução para os casos de infecção pelo novo coronavírus.

Quem encontra adesão no jogo de humor sugerido ou ri da montagem experimenta uma sensação de proximidade em relação a quem a produziu, tanto pela identificação com os sentimentos e críticas, como pelas referências culturais em comum. Bergson, em seu clássico ensaio sobre a comicidade, já apontava para esse caráter social do riso, que envolve uma relação "quase de cumplicidade, com outros ridentes, reais ou imaginários" (BERGSON, 2001, p. 5).



Bergson (2001) ainda acrescenta que, através dessa atividade coletiva que é o riso, também é exercido certo controle sobre os indivíduos, ridicularizando ideias e comportamentos que causariam dificuldades para a vida social e ajudando a manter o aspecto normativo da sociedade. Diferentes grupos sociais elegem como risível aquilo que querem marcar como indesejável, o que consideram que deve ser evitado.

De modo semelhante aos exemplos acima (Figuras 1 e 2), cada uma das materialidades discursivas destacadas de nossa pesquisa traz suas próprias referências e enuncia uma cumplicidade diferente, por um jogo interdiscursivo que pode nos ajudar, se bem compreendido, a descortinar os efeitos de sentidos pretendidos, segundo Verón (2004).

De acordo com Verón (2004, p. 70), “a estruturação dos discursos sempre é um fenômeno interdiscursivo”.

Tanto entre as condições de produção quanto entre as de reconhecimento de um discurso, há *outros* discursos. Na verdade, pode-se dizer que todo discurso produzido constitui um fenômeno de reconhecimento dos discursos que fazem parte de suas condições de produção. (VERÓN, 2004, p. 70-71).

Nas imagens que analisamos, evidencia-se também o que Peruzzolo (2015, p. 237) destaca sobre a interdiscursividade, caracterizando-a como um jogo em que um discurso atua “suportando e construindo o outro”. Signos anteriores são combinados a outros elementos de modo que não são apagados, mas constituem novos efeitos para funcionarem em outros discursos. Ocorre, portanto, um processo de ressignificação.

O humor tem a faculdade de produzir “sentidos em relação a outros sentidos que são reformados e atualizados” (PERUZZOLO, 2010, p. 104). Por isso, pode ser descrito como um jogo, que se organiza “por forças de surpresa”.

Peruzzolo (2010, p. 103) ainda destaca o potencial do humor enquanto recurso para captar a atenção. Nos tira da seriedade habitual

da vida, torna-se um “um estímulo à observação”. Os textos de humor são construídos de forma a promover deslocamentos e rupturas que, através da significação relacionada ao riso e à brincadeira, conduzem a um sentimento de simpatia, que se dá pelo reconhecimento do “quadro sociocultural em que se constrói a mensagem que se comunica” (PERUZZOLO, 2010, p. 104).

Observe-se, por exemplo, nas Figuras 3 e 4, como os discursos que fazem parte de suas condições de produção podem ser identificados.

Figura 3 - Recebida em 19 de julho de 2020



Fonte: Grupos de Whatsapp.

Figura 4 - Recebida em 19 de julho de 2020



Fonte: Grupos de Whatsapp.



Vale ressaltar que estas imagens foram compartilhadas no mesmo momento em mais de um grupo que acompanhamos, enunciadas como um único texto composto, uma mesma unidade de sentido. Aqui, na veiculação da fotografia e da charge juntas pretende-se suscitar um mesmo efeito de sentido.

Em grupos compostos majoritariamente por pessoas que se identificam como “de esquerda” ou que se posicionam contra o governo de Jair Bolsonaro, a sátira à sua postura “messiânica” ao apresentar uma embalagem de hidroxicloroquina é construída pela associação à cena conhecida da animação “Rei Leão” (1994). No filme, o filhote de leão Simba era apresentado a uma multidão de animais em êxtase com a promessa de um novo rei. Na foto, o medicamento é erguido pelo presidente para uma multidão de apoiadores. Na charge, os apoiadores jogam suas máscaras para cima, extasiados na celebração de uma nova liberdade a partir de uma promessa de cura.

A composição, pelas semelhanças no enquadramento e no gestual, vai na direção de um efeito de surpresa, algo que é próprio do jogo cômico. Pretende-se enunciar, como efeito de sentido, que o presidente e os seus seguidores têm uma relação marcada pela lógica das fábulas, das crenças mágicas e por uma submissão semelhante à dos animais ao leão, “rei da selva”.

As características do humor cômico que já destacamos podem ser evidenciadas também na Figura 5, em que a identificação e simpatia se dá pelo fato de os enunciatários enfrentarem as mesmas limitações e conseguirem se imaginar em situação semelhante, possibilitando que “o rir de um outro” e o “rir junto” possam ter um efeito de sentido aproximado ao “rir de si mesmo”. Assim, o jogo do humor tem, ao mesmo tempo, uma dimensão “intelectiva” e uma dimensão “emotiva” (PERUZZOLO, 2010, p. 105).

Na análise das unidades discursivas que, na pesquisa realizada, continham elementos religiosos ligados à pandemia em atividade marcada pela comicidade, também encontramos algumas recorrências,

as quais permitem construir uma tentativa de categorização. Como será visto, essas possíveis categorias vão ao encontro das considerações sobre o humor elencadas anteriormente.

Figura 5 - Recebida em 13 de setembro de 2020



Fonte: Grupos de Whatsapp.

Quanto aos formatos das postagens compartilhadas nos grupos de Whatsapp, foi constatada uma considerável diversidade: são charges, memes, *prints* ou recortes de postagens e comentários de outras plataformas, figurinhas (*stickers*), trechos de vídeo (editados ou não) e até paródias musicais. Em comum, o fato de se utilizarem diferentes atividades de edição para chamar a atenção através da comicidade, seja por rupturas, surpresas, incongruências ou semelhanças.

Um exemplo pode ser visto na Figura 6, em que uma foto do Papa Francisco é montada com uma garrafa da cerveja Corona, mesmo nome dado ao vírus, por seu formato semelhante a uma coroa. As figurinhas ou *stickers*, formato que passou a ser muito utilizado para reações bem-humoradas, apareceram algumas vezes em grupos

observados, como forma de responder, tanto positivamente como ironicamente, a postagens e notícias compartilhadas. Mais uma vez, está presente o jogo da surpresa, assim como a atividade de exorcizar os medos pelo riso.

Figura 6 - recebida em 13 de setembro de 2020



Fonte: Grupos de Whatsapp.

Já na Figura 7, uma fotografia é editada e postada como "figurinha" com aplicação de diversas imagens de Jesus Cristo. O jogo de humor se dá pela modificação de uma expressão religiosa bastante comum no meio evangélico, "só Jesus na causa", que enuncia uma percepção em comum da gravidade de uma situação e, ao mesmo tempo, uma entrega aos cuidados divinos.

Figura 7 - Recebida em 12 de setembro de 2020



Fonte: Grupos de Whatsapp.

O compartilhamento de vídeos também tem sido facilitado no aplicativo e em outras plataformas de mídia, o que faz com que pequenas esquetes e clipes musicais circulem em grande profusão. Vídeos compartilhados em parte ou no todo, sozinhos ou combinados e editados. Nesse contexto, também se destacam as paródias. No exemplo abaixo, uma paródia é construída com a música "Metamorfose ambulante", de Raul Seixas, e um videoclipe é filmado com o refrão "Eu adoro ser um reaçã ignorante" (Figura 8), satirizando um estereótipo de cidadão branco, de classe média, evangélico e, ao mesmo tempo, dado a pensamentos anticientíficos e violentos.

Figura 8- Cena de vídeo recebido em 17 de setembro de 2020



Fonte: Grupos de Whatsapp.



No que diz respeito às figuras e imagens evocadas ou apropriadas na construção do humor, identificamos diferentes categorias: políticos, ícones da cultura pop (personagens de séries, artistas, celebridades), lideranças religiosas, imagens religiosas ou relativas a histórias bíblicas e também o uso frequente de charges.

Porém, consideramos que, especialmente importante para nossa tentativa de categorização, é o conceito de “efeitos de sentido”, proposto por Verón (2004), que possibilita uma compreensão melhor das finalidades a que se destina o jogo de humor e das estratégias vinculadas a esses objetivos.

Para o autor, os efeitos de sentido se desenham em um processo complexo, que vai da produção pelo enunciador, passa pela circulação, na qual ocorrem desvios, e culmina no reconhecimento, pelos enunciatários. Lembrando que essa atividade de produção de sentidos é marcada pelas heterogeneidades que lhe são constitutivas e que, cada vez mais, os efeitos de sentidos são construídos em circulação. Como problematiza Fausto Neto (2018), a circulação não é mais vista como um lugar de passagem, um entre (produção e reconhecimento), mas um lugar, uma zona de indeterminação.

Assim, seguindo as marcas discursivas que nos levam aos efeitos de sentido construídos, já identificamos, conforme os exemplos acima, como primeira categoria, o alívio de tensões. Rir dos medos ou rir dos erros (seus e dos outros), no caso da pandemia, é uma forma de tornar mais leve a relação com situações que não se pode controlar completamente, riscos imputados por si, pelos outros e até por governos, que podem levar, no limite, à própria morte. Algo que pode ser visto, em intensidades e tons diferentes, nas figuras a seguir.

Na charge abaixo (Figura 9), efetua-se uma interessante combinação entre o alívio de tensões pelo rir da morte e um segundo efeito de humor que queremos destacar, o “ataque aos adversários”, com a sinalização do que é indesejável em suas atitudes. Exercendo a função de controle social, o humor se constrói para execrar

comportamentos como a corrupção das rachadinhas associada ao descaso com as medidas de saúde, ambos atribuídos ao presidente.

Figura 9 - Recebida em 11 de agosto de 2020



Fonte: Grupos de Whatsapp.

Nos grupos observados, foi também recorrente a associação dos eventos relacionados à pandemia com desastres bíblicos descritos no Antigo Testamento, sejam o dilúvio (livro de Gênesis), as pragas sobre o Egito (livro de Êxodo) ou o fim dos tempos (livro de Apocalipse). Por vezes, esses eventos são apontados como castigo divino, pela maldade ou insensatez humana (Figuras 10, 11 e 12).

Figura 10 - Recebida em 06 de outubro de 2020



Fonte: Grupos de Whatsapp.

Figura 11 - Recebida em 14 de setembro de 2020



Fonte: Grupos de Whatsapp.

Figura 12 - Recebida em 17 de setembro de 2020

SINAIS DO FIM DOS TEMPOS



A PESTE

A PRAGA

A BESTA

Fonte: Grupos de Whatsapp.

Assim, ao mesmo tempo que ocorre a sinalização do que é indesejável para o funcionamento da sociedade, também se recorre ao imaginário religioso para evocar a ideia de sanções e punições. Tudo, porém, com bastante ironia, uma vez que a menção às histórias e imagens bíblicas se dá de maneira caricata. No caso específico da

Figura 12, faz-se menção ao coronavírus e a uma nuvem de gafanhotos que chegou ao sul do Brasil durante a pandemia, utilizando termos como “peste” e “praga” e atribuindo ao presidente o rótulo de “besta”, que faz menção tanto ao caráter de quem é tolo, assemelhado ao animal, como à “besta” descrita no livro de Apocalipse, figura identificada com a enganação e os desastres relativos ao fim dos tempos. Nota-se, aqui, uma combinação dos efeitos de “ataque aos adversários” e “castigo divino”.

Outro tipo de efeito é construído nas Figuras 13 e 14, que apontam para a ausência de consciência da população e sua consequente culpabilidade pela crise, por uma incapacidade de priorizar a necessidade de distanciamento, quando contrastada com a busca por lazer. A produção discursiva visa sinalizar e ridicularizar a atitude indesejável para a sobrevivência.

Figura 13- Recebida em 13 de março de 2020

**'EMPRESAS E ESCOLAS SUSPENDEM ATIVIDADES
POR CAUSA DO CORONA VÍRUS!**

BRASILEIROS:



Fonte: Grupos de Whatsapp.

A comparação entre as escolas e empresas fechadas por precaução e a imagem da praia lotada chama atenção para uma incongruência, trazendo à tona um humor de contestação. Desta vez, voltado contra o próprio povo, a quem é atribuída a incoerência e até

mesmo a preguiça, insinuando-se que aproveita a situação de calamidade como pretexto para não trabalhar e estudar.

Figura 14 - recebida em 07 de setembro de 2020



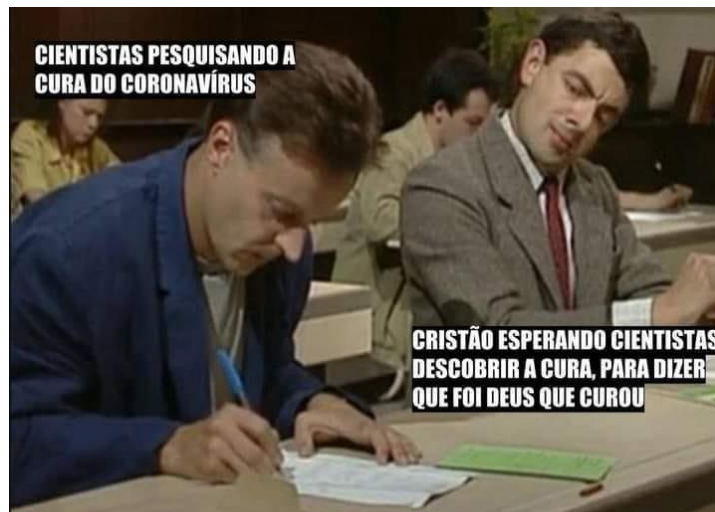
Fonte: Grupos de Whatsapp.

No jogo de humor, aliás, é muito comum o recurso a estereótipos e preconceitos, sejam de cor, etnia, religião ou cultura. É atribuída, inclusive, ao brasileiro a habilidade de rir de si mesmo nas crises, evocando frequentemente uma suposta indolência, “malandragem” e apatia diante das crises e dificuldades.

Também identificamos como efeito de sentido o “reforçar e fortalecer convicções”, pela demonstração de adesão a ideias, de empatia nas dificuldades, de compartilhamento de expectativas semelhantes. Algo que se dá para além das imagens, textos verbais, áudios ou vídeos compartilhados e que ocorre nos comentários e até reações através de figurinhas e emojis.

Esse efeito de sentido evidencia-se ainda na Figura 15, que reforça a confiança no método científico como a saída para a crise sanitária, em contraposição ao pensamento religioso. Para isso, utiliza-se uma cena protagonizada pelo personagem cômico reconhecido mundialmente, Mr Bean, criado e interpretado pelo ator e comediante britânico Rowan Atkinson.

Figura 15 - recebida em 3 de agosto de 2020



Fonte: Grupos de Whatsapp.

Assim, destacam-se diferentes efeitos de sentidos construídos na comicidade em meio à pandemia, alguns dos quais foram identificados nesta análise a partir da coleta em grupos de whatsapp. Em geral, evidencia-se o humor atuando como um chamado à atenção. Em específico, a comicidade sendo empregada como recurso para o alívio de tensões, o fortalecimento de convicções quanto aos responsáveis pela crise sanitária e a sinalização e a ridicularização de posturas indesejáveis da população e dos governantes.

Sobretudo, destaca-se um humor que se constrói na interdiscursividade e em circulação, a partir do acionamento tanto de afetos quanto de tensionamentos. Humor que lança mão de sociabilidades que se constroem por meio de apropriações, modificações, interações e reações, ampliadas por atividades que atravessam diferentes plataformas midiáticas.

3 Considerações finais

O riso é socialmente construído, neste caso, em uma plataforma midiática, mas permeado por interações com outras plataformas nas quais os produtores e co-produtores atuam. O recebimento de uma




mensagem de algum dos contatos - seja em particular ou em grupos - não representa necessariamente um ponto de chegada. É preciso destacar que há uma constante circulação e que a lógica dos participantes dos grupos de WhatsApp é justamente colocar diferentes discursos em fluxos contínuos e adiante, como destaca Braga (2017).

Ao olhar para essas materialidades discursivas, é possível identificar pistas do quão complexa é a atividade de produção de sentidos, visto que a circulação se constitui num lugar de indeterminação, conforme Fausto Neto. Essas incertezas que caracterizam a produção de sentidos e o processo circulatório denotam que ainda há um longo caminho a ser percorrido pelos pesquisadores que se debruçam sobre tais temas. Se outrora, os processos comunicacionais ocorriam por meio de supostas linearidades entre mídias massivas e receptores, cada vez mais notamos que as complexidades nos desafiam a pensar em estratégias metodológicas, como as aqui apresentadas, para tentarmos capturar pistas de como as discursividades são construídas e identificar alguns (entre múltiplos) efeitos de sentidos que geram.

Nas crises e tensões, buscamos formas de compreensão e de atuação que vão além do cognitivo, técnico ou instrumental. Como seres humanos, procuramos dar sentido ao que vivenciamos, e o fazemos coletivamente. Buscamos alívio, construímos identificação e empatia, identificamos em conjunto o que nos pareça necessário para sobreviver e sinalizamos e buscamos evitar o mal. Ou, ao menos, construímos formas de lidar com ele que nos pareçam mais leves.

É interessante notar como, nessas ocasiões, o humor e as religiosidades parecem ir, em muitos aspectos, em direções semelhantes. Atuam rumo a efeitos de sentidos relacionáveis entre si: alívio, esperança, normatização, busca de sentido, ataque aos males da vida. Se o humor tem se tornado quase ubíquo nas ambiências digitais, particularmente em plataformas midiáticas, também é de se



esperar que se possa rir com fé, rir de sua fé ou mesmo rir com os outros em meios às diferenças de fé.

Certamente, a busca pela compreensão mais profunda de por que rimos, para que rimos e que efeitos tem a nossa atividade de fazer rir, pode auxiliar na direção de entender os modos como damos sentido à nossa vida, individual e socialmente, e o nosso potencial de construir alternativas para enfrentar as ameaças que a ela se interpõem.

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. **O riso**: ensaio sobre a significação da comicidade. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1993.

BORELLI, Viviane. Dispositivos midiáticos e as novas “formas” do fenômeno religioso. *In*: BORELLI, Viviane (org.). **Mídia e religião**: entre o mundo da fé e o do fiel. Rio de Janeiro: E-papers, 2010. p. 15-30

BORELLI, Viviane; DALMOLIN, Aline; KROTH, Maicon Elias. Interações em plataforma: circulação de conteúdos sobre COVID-19 em grupos no Whatsapp constituídos por vínculos familiares. *In*: COLOQUIO DEL CIM, 2020-21. Argentina: UNAR, 2021. (no prelo).

BRAGA, José. Luiz. Circuitos de Comunicação. *In*: BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Regina; RABELO, Leon *et al.* (orgs.). **Matrizes interacionais**: a comunicação constrói a sociedade. Campina Grande: EDUEPB, 2017.

CARLÓN, Mario. A modo de glossário. **Cátedra Semiótica de Redes**, p. 1-8, 2021. Disponível em: <https://semioticaderedes-carlon.com/2021/03/15/glosario/>. Acesso em: 12 jul. 2021.


CASTRO, Maria Lília Dias de. O humor a serviço do mercado. **Lumina**, Juiz de Fora, v. 3, n. 2, p. 107-116, jul./dez. 2000. Disponível em: www.ufjf.br/facom/files/2013/03/R5-ML%C3%ADlia-HP.pdf. Acesso em: 1 set. 2020.

ECLESIASTES 1.14. *In*: **BÍBLIA**. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional; Paulus, 1990.

ESTEVES, João Pissara. **Comunicação e sociedade**. Lisboa: Livros Horizonte, 2009. p. 107-151.

FAUSTO NETO, Antônio. Circulação: trajetos conceituais. **Rizoma**, Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 2, p. 08-40, jul. 2018. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/13004>. Acesso em: 1 set. 2020.

FAUSTO NETO, Antônio. Processos midiáticos e construção das novas religiosidades: dimensões discursivas. **Revista Galáxia**, São Paulo, v. 2, n.



3, p. 151-164, 2002. Disponível em: <http://200.144.189.42/ojs/index.php/galaxia/article/viewArticle/1294>. Acesso em: 22 jun. 2015.

FERNÁNDEZ, José Luis. **Plataformas mediáticas**: elementos de análisis y diseño de nuevas experiencias. Buenos Aires: Crujía, 2018.

HOOVER, Stewart M. **Religion in the media age**. London: Routledge, 2006.

MINOIS, George. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: UNESP, 2003.

O EXORCISTA. Direção de William Friedkin. Produção de: William Peter Blaty, Noel Marshall e David Salven. EUA, 1974. 122 min.

O REI LEÃO. Direção de Roger Allers e Rob Minkoff. EUA: Walt Disney Pictures, 1994. 89min.

PERUZZOLO, Adair Caetano. **Entender persuasão**. Curitiba: Honoris Causa, 2010.

PERUZZOLO, Adair Caetano. **Elementos de semiótica da comunicação**. 3. ed. reestruturada e ampliada. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

SBARDELOTTO, Moisés; BORELLI, Viviane. Mídiação da religião e pandemia: interfaces da Covid-19 em ambientes midiático-religiosos. *In*: RUSSI, Pedro; CORRÊA, Laura Guimarães; ARAÚJO, Inesita Soares de; HEBERLÊ, Antônio; FAUSTO NETO, Antônio; WESCHENFELDER, Aline. (orgs.). **Pandemia e produção de sentidos**: relatos, diálogos e discursos. João Pessoa: EDUEPB, 2021. p. 639-660. Disponível em: <http://eduepb.uepb.edu.br/e-books/>. Acesso em: 1 set. 2020.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.